

DOCTA SPES

POR UMA ESPERANÇA RACIONAL

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo O presente ensaio propõe uma reflexão sobre a possibilidade de uma esperança racional num tempo marcado pela fragilidade humana, pela desilusão individual e coletiva e pelo risco de regressões autoritárias. Partindo da condição vulnerável do ser humano e da necessidade de mediações culturais, educativas e institucionais, o ensaio distingue a desilusão lúcida da desistência pessimista. A esperança é apresentada não como ilusão ingênua ou providencialismo, mas como atitude crítica, prática e responsável, fundada no estudo, na consciência histórica, na defesa do Estado de Direito democrático e na preservação da separação dos poderes. Contra a tentação da decadência e dos mitos restauracionistas, sustenta-se uma esperança temperada pela razão, pela experiência e pela ação cívica quotidiana.

Palavras-chave esperança racional; desilusão; fragilidade humana; democracia; Estado de Direito; separação dos poderes.

Abstract This essay reflects on the possibility of a rational hope in a time marked by human fragility, personal and collective disillusionment, and the risk of authoritarian regression. Starting from the vulnerable condition of the human being and from the need for cultural, educational and institutional mediations, it distinguishes lucid disillusionment from pessimistic surrender. Hope is presented not as naïve illusion or providentialism, but as a critical, practical and responsible attitude, grounded in study, historical awareness, the defence of the democratic rule of law and the preservation of the separation of powers. Against the temptation of decadence and restorationist myths, the essay argues for a hope tempered by reason, experience and everyday civic action.

Keywords rational hope; disillusionment; human fragility; democracy; rule of law; separation of powers²

Die dritte Frage, nämlich: wenn ich nun thue, was ich soll, was darf ich alsdenn hoffen? ist praktisch und theoretisch zugleich, so daß das Praktische nur als ein Leitfaden zu Beantwortung der theoretischen und, wenn diese hoch geht, speculativen Frage führt. Denn alles Hoffen geht auf Glückseligkeit und ist in Absicht auf das Praktische und das Sittengesetz eben dasselbe, was das Wissen und das Naturgesetz in Ansehung der theoretischen Erkenntniß der Dinge ist.

Immanuel Kant³.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença).

² Os resumos, as palavras-chave e algumas referências bibliográficas contaram com o apoio de ferramenta de inteligência artificial generativa, tendo sido selecionados, revistos e validados pelo autor, que assume a responsabilidade final pela integralidade do texto.

(...) cette marge à la fois insignifiante mais à la fois infinie où il y a toujours assez de place pour l'espoir.

Emmanuel Lévinas⁴.

Cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança.

José Saramago⁵.

Docta spes, begriffene Hoffnung, erhellt so den Begriff eines Prinzips in der Welt, der diese nicht mehr verläßt.

Ernst Bloch⁶.

I. Fragilidade e Missão

A fragilidade humana é imensa, profunda, e, se bem considerada em toda a sua assustadora dimensão, chega a causar vertigem. É maior ainda que a prosáica prometeica afivelada por alguns setores da Humanidade, ao longo dos tempos; a qual, porém, também é muito necessária, como motor, *élan* vital culturalizado, sem o qual nos afundaríamos na apática bovinidade (que nada tem a ver com a ruminação hermenêutica nietzscheana⁷).

³ KANT, Immanuel – *Kritik der reinen Vernunft*, A 805–806/B 833–834 (Akademie-Ausgabe, Bd. III, pp. 523–524), trad. port.: “A terceira questão, a saber: se agora faço aquilo que devo, que me é então permitido esperar?, é simultaneamente prática e teórica, de tal modo que o prático conduz apenas como fio condutor à resposta da questão teórica e, quando esta se eleva, da questão especulativa. Pois toda a esperança se dirige à felicidade e, relativamente ao prático e à lei moral, é precisamente aquilo que o conhecimento e a lei da natureza são relativamente ao conhecimento teórico das coisas.”

⁴ LEVINAS, Emmanuel – *Le Temps et l'Autre*, Paris, PUF, 1983, p. 68, trad. port.: “essa margem, simultaneamente insignificante e, ao mesmo tempo, infinita, onde há sempre espaço suficiente para a esperança.”

⁵ SARAMAGO, José – *Ensaio sobre a Cegueira*, Lisboa, Caminho, 1995, p. 204.

⁶ BLOCH, Ernst – *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1959, p. 5, trad. port.: “Docta spes, esperança compreendida, ilumina assim o conceito de um princípio no mundo que já não o abandona.”

⁷ NIETZSCHE, Friedrich – *Zur Genealogie der Moral*, Vorrede, § 8, in *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari, vol. 5, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1980, pp. 254–256, esp. p. 256. Também há referência, por exemplo, em *Aurora*: Idem, *Morgenröthe. Gedanken über die moralischen Vorurtheile. Vorrede zur zweiten Auflage*, § 5. *Sämtliche Werke. Kritische*

Trata-se de uma debilidade indefesa intrínseca, decorrente do facto de o *bicho-homem* ser uma criatura que parece nascer sempre prematuramente (como até juristas como Baptista Machado enfatizaram para explicar a necessidade cultural / institucional) e, portanto, depender a educação de uma criança de uma aldeia inteira, como diz o provérbio africano (com ecos visíveis no Zimbabué, Tanzânia e Nigéria), depois retomado no muito debatido livro pedagógico de Hillary Clinton, *It Takes a Village*. Talvez psicologicamente Urie Bronfenbrenner possa corroborar esta teorização social – ou até ecológica...

Esta fragilidade não é apenas física, é também, em grande medida, emocional e mental. Por isso se compreende facilmente como na infância se criem laços e possam ocorrer traumas que duram a vida inteira. E uma das dimensões do drama humano é o peso da solidão e do silêncio, ou, noutros termos, a ausência de sentido para a vida – coisas em que, obviamente, só se pensa quando se tem minimamente resolvidos os problemas mais elementares (e alimentares e afins) da existência.

Como nada é dado às pessoas quanto ao seu modo de funcionamento pessoal ou grupal, nem chegam ao mundo com manual de instruções ou sequer programação ou indicação de objetivos, cabe a cada um determinar-se, construir-se. Com o auxílio decisivo da aldeia inteira (que pode ser a própria “aldeia global”, complexificando mais a situação), evidentemente. Ora o que ocorre é que alguns, muitos, não param para interiorizar o enorme cardápio de possibilidades (mesmo que haja, obviamente, muitas limitações, constrangimentos, e cada vez mais haja teorizações que renovam a ideia da inexistência do livre-arbítrio – do que não disputaremos aqui, disso tendo falado muito brevemente já, nomeadamente no nosso *Responsabilité et culpabilité*). Atiram-se assim muitos a objetivos mais ou menos comezinhos, copiados dos que viram à sua volta. Parar para analisar e verdadeiramente escolher é coisa de só alguns. O que não quer dizer que, na prática, não venham a enveredar pelos caminhos já trilhados por toda a gente. Um anúncio publicitário, creio que dos anos 80 do século passado, enfatizava essa ideia de ser diferente fazendo como toda a gente.

Ter a sensação de poder escolher, pelo menos alguma coisa, de poder encaminhar a sua vida, é exaltante e pode ter excelentes resultados se à determinação de uma senda se aliar a resistência, persistência, obstinação até (“resiliência” é um desses modernismos da nova *langue de bois* tecnocrática, infelizmente muito assimilada, porque muito difundida). Evidentemente que a obstinação em certos casos terá de dar lugar a correções de rumo quando os obstáculos sejam inultrapassáveis, ou, de qualquer modo, se verifique se se fizeram mal os cálculos para a viagem.

No momento de decidir, sobretudo nas grandes encruzilhadas da vida, sobretudo quando não se decide pelas primeiras vezes, mas se tem atrás de si um cabedal de experiência, já não se está em geral completamente entusiasmado (possuído por uma

divindade), mas a ponderação pesa mais, e pode até haver algum cansaço determinado por uma coleção pessoal de decepções. “Lá vamos nós de novo lançar-nos numa grande e decisiva empresa” – pensa o sujeito. Mas em torno de si marcam presença os espectros das passadas derrotas, das difíceis lutas, das traições, do trago amargo de vitórias de Pirro... Não é a mesma coisa uma determinação de infância, de adolescência, de juventude, de maturidade, ou até de senectude...

Alguns terão uma visão diferente e perante as reminiscências da memória acabarão por considerar que, seja como for, não se pode permanecer ou vogar ao sabor das circunstâncias da vida. Há que decidir, que avançar, porque, no limite, o grande inimigo da Humanidade, e de cada um, é o Nada. O Nada invade cada vez mais, ao menos como possibilidade latente, esta nossa civilização crepuscular, que abdicou (é certo) de tantas crenças absurdas, mas levou consigo tantas outras justíssimas e se arrisca a adotar novos dogmas igualmente ou redobradamente absurdos (e até mesmo voltar a alguns antigos)... O Nada espreita a cada esquina. E pelo menos que seja contra o Nada, há que decidir. Ainda que menos bem. Recordemos o filme (que depois teve mais duas formas de diálogo cinematográfico com o livro) e o livro *História Interminável*.

A decepção não conquista nem obtém a rendição dos que sabem que é necessário *que o espetáculo continue*. Como é porosamente sábia essa expressão do *music-hall*! O espetáculo é toda a nossa comum aventura na Terra. São todas as nossas vidas. Se há ou não um ou vários privilegiados espectadores, não sabemos de ciência certa. Mas mesmo que os não houvesse, mesmo assim, algo intimamente nos segreda que existirá um imperativo categórico que eticamente nos obriga a fazer boa figura no Universo espaço-temporal. Reminiscência do peso de deveres religiosos da nossa herança civilizacional? Talvez, mas ainda assim, que podemos fazer a não ser procurar cumprir o que julgamos ser a nossa missão?

Quando o distanciamento face à própria vida se instala mais profundamente, quando os acontecimentos se parecem desenrolar mais à nossa frente, como num filme, do que conosco e com a nossa participação ativa, modificando-os, essa imagem cinematográfica parece impor-se. Não é a estafada e frouxa ideia (tornada tópico em alguns círculos, sobretudo de sensacionalismo de baixa qualidade) de que “a vida de alguém dava um filme”. Pois evidentemente, cremos que a vida de pouca gente não o daria... Não é nada disso que se trata. A questão é a coisa sujeito / objeto bem identificada, sendo o objeto o filme de uma vida que parece estar fora do sujeito. Claro que algumas interações sempre terão de existir, mas o não protagonismo existencial leva a que o filme que rodeia o abúlico, o desistente, o “vencido da vida” *hoc sensu*, seja como que uma música de fundo, numa modorra de vida sem enredo, sem ação, sem desafio. Pelo contrário, há até quem nos próprios sonhos consiga comandar a ação, pelo menos até certo ponto, ser realizador mesmo dormindo.

A decepção não implica necessariamente desistência. Pode-se não acalantar mais nenhuma ilusão e, contudo, permanecer-se firme e ativo, fazendo o que se pensa ser o

próprio dever, contra ventos e marés. Afigura-se-nos que essa é a atitude própria da dignidade da Pessoa. Não um correr em todos sentidos como barata tonta, ingenuamente acreditando quando já não se acredita. Mas precisamente porque se concluiu que a corrupção e quem sabe se a própria natureza humana não são benévolas e dominam os acontecimentos, sabendo-o, deve estudar-se o lugar em que se está, o raio de ação que se poderá possuir, medir bem o que fazer, e ir até ao limite das forças e das oportunidades. A parábola dos talentos é eloquente. Temos todos que por a render os talentos, muitos ou poucos, que nos foram concedidos. São as cartas e os trunfos que temos na mão, e não podemos nem deitar abaixo o jogo, nem simplesmente passar.

Na desilusão e nas más respostas que gera (não nas positivas) encontra-se uma forma de negação do real, não de realismo, mas de pessimismo. É uma cegueira, como diria Saramago. O desiludido, afinal, não entende a intrínseca debilidade, fragilidade, da condição humana e, frustrado com isso, desiste e não quer ver mais. Pelo contrário, há quem queira ver e ouvir, como Ulisses. Mesmo que amarrado ao mastro grande. E depois, há sempre a interpelação de Sophia: “Vemos, ouvimos e lemos – não podemos ignorar!”⁸.

II. Da Desilusão à Esperança

Procurando nos testemunhos sobre o caminho para a desilusão (desde logo as *Illusions perdues*) tanto quanto a reminiscência de cansada memória o permita, não podemos, pessoalmente, deixar de renovar a entranhada e maturada desilusão quanto à possibilidade de encontrar vetores atuais e vivos que possam corporizar perspectivas grupais, sociais, gerais renovadoras e ao mesmo tempo firmemente preservadoras do legado imenso de séculos de caminho para a dignidade humana, nas suas mais diferentes vertentes.

Sem dúvida que há, aqui e ali, no país e no estrangeiro, vozes muito sábias e até sedutoras, por vezes, que analisaram bem os desafios do presente, e chegam a propor uma ou outra ação positiva. Mas são vozes isoladas, e o que se vem fazendo de coletivo está muito longe da lucidez de um punhado de intelectuais (chamemos-lhes assim), a quem, como habitualmente, não se presta mais que uma atenção formal, como quem limpa o pó a um *bibelot* numa estante de cristal, só para inglês ver.

O que ressalta na sociedade contemporânea é a prevalência de muito individualismo, mesmo quando as causas são coletivas, coletivíssimas. O indivíduo (que ainda não é Pessoa) encontra-se sobretudo centrado sobre si, sobre o seu percurso e metas individuais, e mesmo quando espreita para o mundo fá-lo prevalentemente pela tela de um computador ou de um telemóvel sobre que se debruça. O indivíduo, centro

⁸ SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, “Cantata da Paz”, in *Obra Poética*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990-1991.

de uma autognose romanceada, mas fundada em factos auto- ou hétero-biográficos, parece constituir o polarizador da reflexão que se venha a fazer sobre a desilusão. Ele é o seu grande protagonista afinal. Por exemplo, na literatura ou no cinema. Quantas obras não têm, direta ou indiretamente, essa temática! De *L'Éducation sentimentale*, de Flaubert, às *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski, de *Der Zauberberg*, de Thomas Mann, a *Der Mann ohne Eigenschaften*, de Musil, ou ainda ao *Mythe de Sisyphe*, de Camus, reencontra-se, sob registos muito diversos, essa oscilação entre desencanto, lucidez ferida, absurdo, crítica da sociedade e procura de uma esperança não ingénua. No cinema, bastaria lembrar *Ladri di biciclette*, de Vittorio De Sica, *Ikiru*, de Akira Kurosawa, ou *Stalker*, de Andrei Tarkovsky, todos atravessados, embora de modos muito diversos, pela tensão entre perda, sentido, desejo e possibilidade de salvação.

A desilusão pessoal em regra não conduz senão a impasses e, na melhor das hipóteses, a grandes e trágicas decantações, superações e sobretudo sublimações. Já a “desilusão” generalizada, que não quer confessar-se como partindo de experiências pessoais mais ou menos traumáticas, mas se deseja ancorar em análises frias e racionais da realidade circundante (embora em muitos casos arranque e se nutra das frustrações individuais dos observadores que proferem tais vereditos sócio históricos), essa, parece focada numa outra clave interpretativa, proferindo o juízo da “decadência”.

Claro que há estudos e obras sobre a decadência pessoal, a doença, a velhice, etc. Mas as literárias têm o condão de ir mais direta e eloquentemente ao cerne dos problemas, com o clarão iluminador da metáfora, que transmite as grandes intuições de que os escritores por vezes nem são senão veículos. As primeiras de que nos lembramos sobre estas matérias são *Limite de Idade*, de Vitorino Nemésio e *Evocação ao meu Corpo*, de Vergílio Ferreira. Mas, como aflorámos, não é do deperecimento pessoal, físico e mental (emocional, etc.) que a decadência *hoc sensu* cura. É questão do corpo social e até do corpo histórico de nações, estados, comunidades, ou até grupos, no limite... E trata-se de uma categoria de filosofia ou de uma ideologia, ambas no domínio da História, mas como naturais tonalidades sociológicas, em que nos nossos dias de novo ganha relevo o vetor do “civilizacional”, que se pode revestir de muitos matizes, *pro domo* de gregos ou de troianos... Que o dia o filme *Odisseia*, de Christopher Nolan, que a uma “civilização” invoca várias vezes...

Ou seja, pessoalmente, as personagens que arquitetamos, em que nos projetamos arquetipicamente, vão sofrendo experiências traumatizantes, e esse cabedal de frustrações desilude-as. As respostas, com o tempo, são várias: temos sábios anciãos e sábias anciãs ataraxicamente em paz (ou assim aparentando, ou assim cultivando uma fachada social), ou cristalizadas em azedume, resultando em figuras de velhos implicativos e avarentos, velhacos e recalcados, praguejando e amaldiçoando o mundo e os jovens (exemplo rematado do estar de mal com a vida, simétrico do primeiro).

Os tipos-ideais (para usar a categoria weberiana), “modelos” de velhos e de novos, são clássicos, já se podendo ir apercebendo no próprio Aristóteles. E as lamentações com o descaminho do Mundo nos tempos contemporâneos (em cada

tempo, afinal) são eternos, podendo bem ver-se em textos já do Médio Império Egípcio. O que talvez seja novo hoje (mas, sejamos francos: vai-se lá saber ao certo!) será uma situação de profunda e desertificada desilusão dos mais jovens e até uma falha muito generalizada de ilusões (e de esperanças) que atravessa e engole a sociedade inteira.

As pessoas já não se desiludem sequer, porque não partem de uma situação ou posição *originária* (recordemos a expressão, normalmente mal traduzida, de John Rawls) de ilusão: não se iludiram antes, nunca. Não tiveram ideais, sonhos, força anímica sequer... O mundo desencantado é um mundo desesperançado. Cada vez mais que se progride na expansão das ideologias da suspeita e nas teorias da conspiração (gémeas inimigas), cada vez mais que uma criança ou um adolescente começa a ver a velha estória de encantar como uma metáfora não se sabe de que nova maldade humana (os contos infantis tinham sem dúvida maldades, mas mais à flor da pele...) é um castelo de cartas de segurança e até de coesão social positiva (desde logo de confiança nos outros) que desaba. Não quer dizer que autores Marx, Freud e Nietzsche (e alguns dos seus seguidores e re-leitores mais notáveis) e algum jornalismo sério (não *fake news*) de investigação não ajudem a formar o espírito crítico. O problema é confundir-se o peso de uma narrativa da Humanidade unilateralmente concebida e sem aberturas para a transcendência e para a *busca da felicidade* (*pursuit of happiness*) terrena, como, pelo contrário, o velho constitucionalismo estadunidense nos legou (certamente baseado no património filosófico-político de Locke, Kames, Burlamaqui, Blackstone, Montagu e Paine, pelo menos...)

Por um lado, uns como que se resignaram, outros labutaram pesadamente para a simples sobrevivência, sem erguerem a cabeça (sem conseguirem endireitar os ombros), e outros ainda, que não se sabe como assimilaram de forma perversa a mensagem universalista dos Direitos, e em especial dos direitos sociais e afins, creem-se por direito próprio titulares e credores de todas as prestações por parte das instituições do Estado, e jamais devedores de qualquer contrapartida. A geração *nem-nem*, que não trabalha nem estuda, em grande medida parece representar essa massa crescente de cidadãos que nem sequer exerce a cidadania no seu grau zero (designadamente votando) e, quando o faz, parece em muitos casos ir apenas engrossar as hostes da demagogia e do populismo, que lhe faz a corte em busca de votos e eventualmente carne para canhão de afrontamentos sociais potenciais.

Paralelamente, crescem os ecos das narrativas segundo as quais (de forma muito mitificada e mais que vaga, mas o que interessa é a propaganda) alguns países teriam sido “grandes” no passado, mas teriam decaído, sido traídos, etc. Em paralelo, o trabalho abnegado, paciente e mesmo com grandes obras pontuais dos estadistas dos períodos liberal, republicano e democrático em geral (falamos com a linguagem normal do continente europeu) é caluniado, execrado, vilipendiado, deformado, como de traição, decadência, incompetência, etc. Um revisionismo historiográfico que ganha muito eco em videozinhos nas redes sociais, apelativos pela forma, dinamismo e reconstituição canhestra. A falta sequer de revisão autoral de vídeos produzidos pela IA (obviamente sob indicações ideológicas humanas) manifesta-se, por exemplo, em

flagrantes *décalages* históricas, com bandeiras da República portuguesa a flutuar no cimo de edifícios medievais, quando a bandeira nacional era outra, nada parecida com a verde-rubra atual.

A conjugação de todos os referidos fatores é uma combinação explosiva, porque a narrativa macro- quer conquistar a narrativa micro- para um pretenso resgate, reconquista, renascimento. As parangonas megalómanas de uns encontram as lamúrias, os queixumes e as auto desculpas dos outros. É certo que as democracias têm pesadas culpas no cartório, especialmente porque abdicaram de uma educação geral e cívica dos cidadãos, procurando meramente seduzi-los a cada eleição para as pequenas disputas entre adversas correntes sem visão de futuro e ingénuas quanto à longevidade natural dos Estados de Direito. Visão míope que pode custar caro.

E assim prosperam entre iletrados e desocupados as narrativas de fundamentalistas, revivalistas, reacionários e afins, identificando a tal mítica grandeza dos países com tempos nebulosos de imperialismo e colonialismo, sempre anti modernos, antidemocráticos, antiparlamentares e mesmo antiliberais no sentido genuíno da palavra... Reconhece-se que tais discursos dão algum alento e vigor a muitos dos que acreditam nessa restauração e, de outro modo, andariam pelos cafés e cabeleireiros (decerto não se fale muito disto nos ginásios ou academias) a maldizer a vida e a democracia, com seus execrados políticos e todos os protagonistas dos órgãos de soberania, políticos ou não. Insista-se: essa idade do oiro é um mito, fruto de uma mitificação nem sequer muito imaginativa, contendo os tópicos habituais de força, unicidade, perseguição das minorias e dos “suspeitos do costume” elevados, como sempre, à categoria de bodes expiatórios. Ainda que, evidentemente, nas ramificações dessa narrativa possam convocar-se alguns dados reais, factuais, o todo é composto de forma manipuladora. Dizia bem o poeta popular António Aleixo: “P’ra a mentira ser segura / E atingir profundidade / Tem de trazer à mistura / Qualquer coisa de verdade”⁹.

Por muito desencantadas que possam estar (e os tempos dão-lhes muitas razões para o estarem) as pessoas operosas, de reta intenção, de boa vontade, de cabeça desnublada e coração solidário, há grandes tarefas a cumprir. E se não forem abraçados esses objetivos, a História ensina que virão mais cedo do que tarde tempos de profunda crise, mas pior: de desgraçado e desapiadado despotismo. O grande programa, especialmente para as gerações mais jovens (recordando Antero e mais recentemente Pereira Marques), começa pela necessária convicção de que é possível (onde já se ouviu *Yes, we can?*). E por isso há que voltar a acreditar, recuperar a Esperança. Não vago e místico anelo ingénuo e passivo, mas sabendo-se que é preciso construir a Esperança racionalmente, quotidianamente, passo a passo. Com muitas prevenções, sem quaisquer ilusões. Sem se acreditar nas fábulas infantis, nem nos sonhos românticos adolescentes, sem um providencialismo simétrico aos dos populismos. Sonhos desses redundam em pesadelos.

⁹ ALEIXO, António – *Este Livro que Vos Deixo*, volume I, Lisboa, Editorial Notícias, 1993, p. 29.

Importa, pois, voltar a estudar e voltar a pensar criticamente. Assim como voltar a intervir. Entender, desde logo, o Estado e a Sociedade. Estudar Direito, Ciência Política, Sociologia, e fazê-lo não de forma teórica e psitacista, mas como instrumentos e guias para iluminar (inspirando, não dogmaticamente comandando) uma ação interventiva, em prol do Estado de Direito democrático, que não é um dado adquirido nem uma meta atingida ou atingível. Antes um caminho onde sempre a ir avançando. Como, de resto, a própria Justiça é uma *constante e perpétua vontade*, como bem e sinteticamente disseram os Romanos¹⁰.

Só com uma visão crítica, baseada, desde logo, em mais estudo e conhecimento, se poderão identificar os males e assumir-se com realismo a busca da Felicidade. Começando pelo estancar do dique, começando por convencer os nossos concidadãos de que a alternativa à democracia é, não pode deixar de ser, a ditadura. Não há um *tertium genus*. E que se a democracia tem alguns defeitos, e até bastante graves, por vezes, a ditadura é em si um defeito político, e muito grave.

Algumas das ditaduras romanas, em situações de emergência pública e apenas por até 6 meses foram protagonizadas por sábios sem desejo de poder, mas apenas vontade de servir, e assim cumpriram a sua função. Foi o caso da de Cincinnatus. Já a ditadura de Sula, por exemplo, foi uma catástrofe. A ação de Camilo será talvez ambígua, e nem falemos em César, que concita ainda hoje amores e ódios (foi quatro vezes ditador e até por períodos enormes)... Tal não nos leva a um veredito matizado sobre as ditaduras, mas apenas à excecionalidade de bons resultados, em situações de calamidade, por tempo curto e determinado e protagonizadas por pessoas ponderadas, moderadas e eivadas de virtudes cívicas. Um dito atribuído aos guardas do imperador chinês Kangxi (康熙), numa lenda chinesa é muito eloquente sobre a natureza da ditadura que gera a sua maneira de ser, mesmo apesar dos protagonistas concretos (dando assim excecionalidade maior às ditaduras “benévolas”): “os tigres comem os homens, está-lhes na natureza”. Cremos que Raymond Aron também navegaria por estas águas sobre a natureza do regime, aliás certamente na senda do próprio Montesquieu. A questão da natureza, quer a humana geral, quer a dos regimes, preocupa o autor *d’Ópio dos Intelectuais*, que precisamente afirma: “Le despotisme, dit Montesquieu, est contraire à la nature humaine.»¹¹

Na democracia, os males cedo ou tarde se descobrem e podem emendar-se e punir-se os seus responsáveis. Na ditadura só depois de derrubada ou caída de podre é que se podem ver os males que ela própria camuflava. E pode já ser tarde para emendar a mão e punir os responsáveis. Uma das características da ditadura, e mais ainda se totalitária e não meramente autoritária, é a hipocrisia, por vezes com a justificação

¹⁰ ULPIANUS (D. 1,1,10 pr.): *Iustitia est constans et perpetua voluntas ius suum cuique tribuendi*. «A justiça é a constante e perpétua vontade de atribuir a cada um o seu direito.». Constante e perpétua vontade, nunca um adquirido.

¹¹ ARON, Raymond – *Les Étapes de la pensée sociologique: Montesquieu, Comte, Marx, Tocqueville, Durkheim, Pareto, Weber*, Paris, Gallimard, 1967, I Parte, Capítulo sobre Montesquieu.

idílica e ridículo de que se trata do preito que o vício à virtude presta, sendo assim motivo de bom exemplo. Mas quando se descobre que tudo era um embuste? Há quem mesmo pense (até em democracia), com Bernard Mandeville (certamente inspirado em La Rochefoucauld), que “it is impossible we could be sociable Creatures without Hypocrisy.”¹². Mal por mal, ainda preferiríamos a vaidade lusiada, como assinala o nosso primeiro filósofo moral luso-brasileiro laico: «a vaidade de serem leais os faz obedientes; a vaidade de serem amados os faz benignos; e finalmente a vaidade, ou amor da reputação os faz virtuosos.»¹³

A meta é, pois, uma felicidade não utópica, mas esperançada. Como assinalava Kant: „Denn alles Hoffen geht auf Glückseligkeit und ist in Absicht auf das Praktische und das Sittengesetz eben dasselbe, was das Wissen und das Naturgesetz in Ansehung der theoretischen Erkenntniß der Dinge ist.“¹⁴

Esperança construída pacientemente, competentemente, no dia-a-dia de uma democracia sã, não crepuscular (como desenvolvemos em 2013 e Applebaum em 2020). Isso apenas poderá conseguir afastar os paraísos artificiais vendidos aos incautos pelos vendedores de miragens. Ao contrário do que talvez alguns possam generalizar, os intuítos maximalistas e megalómanos, fruto de narcisismos pessoais e de manipulação de massas que para líderes transferem as suas pulsões e recalcamentos, são uma clara *hybris*, desmesura que ofende os deuses e/ou a ordem do universo.

A Humanidade pode conseguir e tem conseguido proezas enormes, mas só com a consciência da sua pequenez e fragilidade. Por isso é que um dos mais sagrados pilares do Constitucionalismo moderno, seiva das nossas democracias, é a separação (não a concentração) dos poderes.

Sabendo-se que o poder sempre tem tendência para se engrandecer, sabendo-se da fragilidade humana de ceder à tentação de usurpar poderes, os grandes filósofos políticos do liberalismo a sério, como Locke e Montesquieu, conceberam um esquema de defesa contra o crescimento e o abuso do poder, em que o poder trava o poder, por meio de freios e contrapesos. É esse reconhecimento da pequenez, da falibilidade, da tentação que pode conduzir ao gizar e colocar em prática instrumentos de defesa da democracia e do seu aperfeiçoamento. Sempre com malícia e candura (a das serpentes pombas de que fala o evangelho de Mateus (X, 16)¹⁵: Porque se sabe que a equipa da fraude, do erro, da corrupção, da calúnia, do obscurantismo, sempre está, normalmente,

¹² MANDEVILLE, Bernard – *The Fable of the Bees*, I, 349.

¹³ AIRES, Matias – *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, § XXX.

¹⁴ “Pois toda a esperança se dirige à felicidade e, relativamente ao prático e à lei moral, é precisamente aquilo que o conhecimento e a lei da natureza são relativamente ao conhecimento teórico das coisas.” – KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 805–806 / B 833–834.

¹⁵ Ἰδοὺ ἐγὼ ἀποστέλλω ὑμᾶς ὡς πρόβατα ἐν μέσῳ λύκων· γίνεσθε οὖν φρόνιμοι ὡς οἱ ὄφεις καὶ ἀκέραιοι ὡς αἱ περιστεραί («Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.»).

dois passos adiante... Empresa gigantesca, enorme desafio, sempre com a esperança racional, bem calibrada, bem temperada pela crítica e pela visão distanciada em que se digeiram sabiamente as experiências e a História.

Bibliografia

ALEIXO, António – *Este Livro que Vos Deixo*, volume I, Lisboa, Editorial Notícias, 1993.

APPLEBAUM, Anne — *Twilight of Democracy: The Seductive Lure of Authoritarianism*, New York, Doubleday, 2020, ed. port. *O Crepúsculo da Democracia: O fracasso da política e o apelo sedutor do autoritarismo*, Lisboa, Bertrand Editora, 2020.

AIRES, Matias — *Reflexões sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a fortuna*, Prefácio de António Pedro Mesquita; fixação do texto e notas de Violeta Crespo Figueiredo e Jacinto do Prado Coelho, 2.^a ed., rev., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ARISTÓTELES, *Retórica*, máx. Livro II, caps. 12-13, trad. W. Rhys Roberts, in *The Works of Aristotle*, ed. W. D. Ross, Oxford, Clarendon Press, 1924.

BALZAC, Honoré de, *Illusions perdues*, Paris, Werdet, 1837; Paris, Hippolyte Souverain, 1839; Paris, Furne, 1843.

BLOCH, Ernst, *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1959.

BRECHT, Bertolt, *Die Geschäfte des Herrn Julius Caesar*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1957.

BRONFENBRENNER, Urie, *The Ecology of Human Development. Experiments by Nature and Design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1979.

CAMUS, Albert, *Le Mythe de Sisyphe. Essai sur l'absurde*, Paris, Gallimard, col. «Les Essais», XII, 1942.

CLINTON, Hillary Rodham, *It Takes a Village and Other Lessons Children Teach Us*, New York, Simon & Schuster, 1996.

COSTA, Dalila L. Pereira da, *Entre Desengano e Esperança. Ensaio português*, Porto, Lello Editores, 1996.

CUNHA, Paulo Ferreira da, *Responsabilité et culpabilité. Abrégé juridique pour médecins*, Paris, Presses Universitaires de France, 2000.

DE SICA, Vittorio, *Ladri di biciclette*, Itália, Produzioni De Sica, 1948.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *Zapiski iz podpol'ia [Memórias do Subsolo]*, São Petersburgo, Época, 1864.

ENDE, Michael, *Die unendliche Geschichte [The Neverending Story]*, Stuttgart, Thienemann Verlag, 1979.

FERREIRA, Vergílio, *Invocação ao Meu Corpo. Ensaio, com um Post-Scriptum sobre a Revolução Estudantil*, Lisboa, Portugalíia Editora, 1969.

FERREIRA DA CUNHA Paulo, *Direitos Fundamentais Fundamentos & Direitos Sociais*, Lisboa, Quid Juris, 2014.

- FERREIRA DA CUNHA Paulo, *Direitos Fundamentais e Crise Europeia: do direito à felicidade à democracia crepuscular*, São Paulo, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2013, policóp.
- FERREIRA DA CUNHA Paulo, *Justiça Social*, Coimbra, Gestlegal, 2021, Prefácio de Arnaldo de Pinho.
- FLAUBERT, Gustave, *L'Éducation sentimentale. Histoire d'un jeune homme*, Paris, Michel Lévy Frères, 1869.
- GAUCHET, Marcel, *Le désenchantement du monde: Une histoire politique de la religion*, Paris, Gallimard, coll. « Bibliothèque des sciences humaines », 1985.
- HODGSON, Louise, *Res Publica and the Roman Republic: "Without Body or Form"*, Oxford, Oxford University Press, 2017.
- HOMERO. *Odisseia*, tradução, introdução e notas de Frederico Lourenço, Lisboa, Quetzal, 2018.
- KANT, Immanuel, *Kritik der reinen Vernunft*, 2.^a ed., Riga, Johann Friedrich Hartknoch, 1787; ed. crítica em *Kants gesammelte Schriften*, hrsg. von der Königlich Preußischen Akademie der Wissenschaften, Bd. III, Berlin, Georg Reimer, 1904.
- KUROSAWA, Akira, *Ikiru*, Japão, Toho, 1952.
- LA ROCHEFOUCAULD, François de, *Réflexions ou sentences et maximes morales*. Édition établie et annotée par Jean Lafond, Paris, Gallimard, 1976.
- LÉVINAS, Emmanuel, *Le Temps et l'Autre*, Paris, Presses Universitaires de France, col. « Quadrige », n.º 43, 1983.
- LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature. Volume I: The Old and Middle Kingdoms*, Berkeley / Los Angeles / London, University of California Press, 1975; cf. "The Complaints of Khakheperresneb", "The Admonitions of Ipuwer" e "The Dispute between a Man and His Ba".
- LOCKE, John, *Two Treatises of Government*, London, Awnsham Churchill, 1689; ed. Peter Laslett, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- MACDONALD, Peter, *The NeverEnding Story III: Escape from Fantasia [The NeverEnding Story III]*, Alemanha / Estados Unidos, Warner Bros. / Miramax Films, 1994.
- MACHADO, João Baptista, *Introdução ao Direito e ao Discurso Legitimador*, Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
- MANN, Thomas, *Der Zauberberg*, Berlin, S. Fischer Verlag, 1924.
- MANDEVILLE, Bernard, *The Fable of the Bees: or, Private Vices, Publick Benefits*, Vol. I, Oxford, Clarendon Press, 1924.
- MILLER, George T., *The NeverEnding Story II: The Next Chapter*, Alemanha / Estados Unidos, CineVox Filmproduktion / Warner Bros., 1990.
- MONTESQUIEU, Charles de Secondat, baron de, *De l'esprit des lois*, Genève, Barrillot & Fils, 1748.
- MUSIL, Robert, *Der Mann ohne Eigenschaften*, Berlin, Rowohlt, 1930-1943.
- NEMÉSIO, Vitorino, *Limite de Idade. Poemas*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, col. « Auditorium », n.º 1, 1972.
- NIETZSCHE, Friedrich – *Zur Genealogie der Moral*, in *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari, vol. 5, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich – *Morgenröthe. Gedanken über die moralischen Vorurtheile*, in *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*, Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1980, vol. 3.

NOLAN, Christopher, *The Odyssey* [*Odisseia*], Estados Unidos / Reino Unido, Universal Pictures / Syncopy, 2026.

PEREIRA MARQUES Fernando, *Esboço de um Programa Para os Trabalhos das Novas Gerações*, Lisboa, Livros Horizonte 1989.

PETERSEN, Wolfgang, *The NeverEnding Story* [*Die unendliche Geschichte*], Alemanha Ocidental / Estados Unidos, Neue Constantin Film / Bavaria Film, 1984.

QUENTAL, Antero de, “Programa dos Trabalhos para as Gerações Novas (1871-1875)”, in *Prosas Socio-Políticas*, organização e apresentação de Joel Serrão, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

RAWLS, John, *A Theory of Justice*, Cambridge, Massachusetts, The Belknap Press of Harvard University Press, 1971; ed. rev., 1999.

SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, Lisboa, Editorial Caminho, col. «O Campo da Palavra», 1995.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, “Cantata da Paz”, in *Obra Poética*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990-1991.

TARKOVSKY, Andrei, *Stalker*, União Soviética, Mosfilm, 1979.

WEBER, Max, *Wirtschaft und Gesellschaft: Grundriss der verstehenden Soziologie*, Tübingen, J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1922.

Recebido para publicação em 28-07-26; aceito em 25-08-26